

A representação de *Semântica* em manuais de introdução e dicionários de linguística: uma possível análise da escritura
The representation of *Semantics* in manuals of introduction and dictionaries of linguistics: a possible analysis of writing

Adriana Bonumá Bertoloni*
Ana Lúcia Cheloti Prochnow**
Silvana Schwab Nascimento***

RESUMO: O objetivo deste artigo é mostrar como a Semântica é representada em dois dicionários referência em estudos linguísticos, a saber, *Dicionário das Ciências da Linguagem* (1972), de Ducrot & Todorov, e *Dicionário de Linguística* (1998), de Dubois *et al.*; e em dois manuais de introdução à linguística, quais sejam, *Introdução à Linguística*, organizado por Mussalim & Bentes (2001), e *Introdução à Linguística*, organizado por Fiorin (2007). Com esta proposta, pretendemos definir o que se apresenta como Semântica em obras que frequentemente são indicadas em programas de Cursos de Graduação em Letras e fomentar no leitor alguns questionamentos que circundam uma área do saber a qual enfoca o significado como uma das questões-chave em suas discussões. Por fim, ao apresentarmos a representação de Semântica nas obras mencionadas, pretendemos compreender o lugar dos estudos da significação nas ciências da linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica. Representação. Manuais. Dicionários.

ABSTRACT: The purpose of this article is to show how Semantics is represented in two reference dictionaries in linguistic studies, namely, *Dicionário das Ciências da Linguagem* (1972), by Ducrot and Todorov, and *Dicionário de Linguística* (1998), by Dubois *et al.*, and two manuals of introduction to linguistics, namely, *Introdução à Linguística*, organized by Mussalim and Bentes (2001), and *Introdução à Linguística*, organized by Fiorin (2007). With this proposal, we intend to define what is presented as Semantics in works that are often listed at Undergraduate Programs in Languages and stimulate the reader with some questions that surround an area of knowledge which focuses on meaning as one of the key issues in their discussions. Finally, when presenting the semantic representation of the works mentioned, we intend to understand the place of studies in meaning in language sciences.

KEYWORDS: Semantics. Representation. Manuals. Dictionaries.

1. Considerações Iniciais

É nosso objetivo, neste estudo, mostrar como a Semântica vem sendo representada em dois manuais de introdução à linguística e em dois dicionários de linguística que, geralmente,

* Mestre em Letras UFRGS. Do Curso de Pós - Graduação em Letras - Estudos Linguísticos UFSM. Professora do Colégio Militar de Santa Maria.

** Mestre em Educação UFSM. Doutoranda do Curso de Pós - Graduação Doutoranda em Letras - Estudos Linguísticos UFSM. Professora do Colégio Militar de Santa Maria.

*** Mestre em Letras - Estudos Linguísticos – UFSM. Doutoranda do Curso de Pós - Graduação em Letras - Estudos Linguísticos UFSM. Professora de Língua Portuguesa da FISMA (Faculdade Integrada de Santa Maria).

são indicados em programas de Cursos de Graduação em Letras. Os livros selecionados são **Dicionário das Ciências da Linguagem** (1972), de Ducrot & Todorov, **Dicionário de Linguística** (1998), de Dubois *et al.*, e **Introdução à Linguística**, organizado por Mussalim & Bentes (2001), e **Introdução à Linguística**, organizado por Fiorin (2007).

Entendemos que essas obras são relevantes para tentar compreender como se constitui e circula um discurso *sobre* a Semântica em conjunturas diferentes. Os dicionários, por exemplo, são considerados por Auroux (1992) como instrumentos linguísticos que são parte da relação entre sociedade e história. Podemos considerar este instrumento como um objeto discursivo, entendido “como um discurso sobre a língua, mais especificamente sobre as palavras ou sobre um setor da realidade, para um público leitor, em certas condições sociais e históricas” (NUNES, 2010, p. 7).

Por sua vez, os manuais podem ser considerados como livros introdutórios que se configuram como um discurso a respeito *de* ou *sobre*, no caso de nosso estudo, um discurso *sobre*¹ a Semântica. Entendemos esses manuais como resultados de tendências teóricas de uma determinada ‘comunidade de conhecimento’ (cf. Auroux, 2008) e conjuntura sócio-histórica em que o estudioso está inserido. A respeito disso, Auroux (2008, p. 141) destaca “o ato de saber (a produção de conhecimento) não é ele mesmo algo sem relação com a temporalidade”. Na produção desse conhecimento, são ativados conhecimentos antecedentes, os quais Auroux (Ibid.) define como “horizontes de retrospectão”. Esses podem se figurar de maneiras distintas, ora como conhecimentos comuns, ora como conhecimentos indexados, com autores ou mesmo com datas.

É nessa perspectiva que pretendemos contribuir, mesmo que de maneira parcial, para mostrar como é representada a Semântica nos instrumentos linguísticos escolhidos, e, conseqüentemente, a questão da historização dessa área do saber, pois, segundo Auroux,

não se pode abordar seriamente a questão da historização das ciências sem estudar a constituição e a estrutura dos horizontes de retrospectão, bem como a forma como os domínios de objetos são afetados pela temporalidade, o que podemos chamar de “modos de historização”. Os dois não são independentes (AUROUX, 2008, p. 147).

¹ Orlandi (1990, p. 37) define “discurso sobre” como “uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. (...) o ‘discurso sobre’ é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*)”.

Assim, consideramos que tanto os dicionários escolhidos quanto os manuais que enfocam as questões Semânticas podem nos sinalizar como a área do saber intitulada Semântica vem se configurando e se estabelecendo no fazer acadêmico.

2. A Semântica em dicionários sobre estudos da linguagem

2.1 A Semântica no Dicionário das Ciências da Linguagem (1972), de Ducrot & Todorov

O **Dicionário das Ciências da Linguagem** (1972) tem como autores Oswald Ducrot e Tzvetan Todorov, ambos nomes reconhecidos nos estudos da linguagem. Ducrot possui uma vasta produção intelectual e seus estudos estão centrados, especialmente, no que tange à teoria da argumentação; os estudos de Todorov estão relacionados às questões de filosofia da linguagem, de linguística e de teoria literária.

Quanto à estrutura do **Dicionário das Ciências da Linguagem**, verificamos já no índice um “certo estranhamento”, pois este possui uma estrutura diferente das encontradas nos dicionários ditos “tradicionais”. Ele não está dividido em verbetes, em ordem alfabética, mas por temáticas. É no prefácio que os autores comentam esta estrutura:

O livro está organizado não segundo uma lista de palavras, mas segundo uma *articulação conceptual* do domínio estudado.... Os artigos sucedem-se segundo uma ordem *analítica*, e não alfabética.... A primeira secção, *As escolas*, segue as principais tendências cujo encadeamento constitui a *história da linguística moderna* (gramáticas gerais, linguística histórica, glossemática, etc). A segunda, *Os domínios*, descreve o conjunto das disciplinas de que é objeto a linguagem: as diferentes partes da linguística, a poética, a estilística, a psicolinguística, a filosofia da linguagem... As outras duas seções são consagradas à descrição dos principais conceitos utilizados. Em primeiro lugar, *Os conceitos metodológicos*.... Depois, na última seção os conceitos mais particulares, ditos *descritivos* (*ibid.*, p. 13-14).

Em seguida, os autores justificam essa estrutura e indicam o público ao qual está dirigida a obra:

Assim elaborada, a obra parece-nos susceptível duma dupla leitura: pode utilizar-se como dicionário e como enciclopédia. Destina-se, pois, tanto aos especialistas como aos principiantes em cada um dos domínios que vão da linguística aos estudos literários (*ibid.*, p. 14).

Nesse sentido, podemos nos remeter à importância das enciclopédias para o estabelecimento das disciplinas. No obra “L’ Encyclopédie ou la création des disciplines”, mais especificamente no texto “La naissance de la Grammaire Générale (2003)”, Aurox discorre a

respeito desse marco fundador que é a enciclopédia para a criação disciplinas, ou seja, é com a enciclopédia que se estabiliza um fazer metalinguístico sobre áreas de conhecimento.

Quanto ao lugar da Semântica neste dicionário, podemos dizer que ela permeia praticamente todos os tópicos. Os autores já sinalizam isso no próprio prefácio: “Para estudarmos os problemas da linguagem optamos por encará-los numa perspectiva essencialmente *semântica*. Os problemas da significação, dos seus níveis, dos seus modos de manifestação, encontram-se ao longo de toda a obra” (ibid., p. 12). Portanto, no **Dicionário das Ciências da Linguagem**, a Semântica localiza-se no interior de vários capítulos, com especial lugar a temáticas como: “Semântica no sentido da lógica matemática” (ibid., p. 397), “Semântica combinatória” (ibid., p. 319), “Semântica generativa” (ibid., p. 75-76), “Aspecto Semântico” (ibid., p. 352), “Traço Semântico, traço semântico contextual e inerente” (ibid., p. 320- 321).

Essa forma adotada pelos autores e já sinalizada por eles no prefácio assemelha-se à enciclopédia e faz com que o leitor veja as questões da linguagem de maneira relacionada (por exemplo, no tópico “aquisição da linguagem”, há uma seção intitulada “Sintaxe e Semântica”) (ibid., p. 197). Isso leva o leitor a não fragmentar as teorias que tratam da linguagem e observar a Semântica como constitutiva de todo o ato linguístico. Para os autores, “Se no comportamento humano, tudo é signo, a presença duma ‘linguagem’ em sentido lato, já não permite delimitar um objeto de conhecimento entre outros” (ibid., p. 11).

2.2 A Semântica no Dicionário de Linguística (1998), de Dubois *et al.*

O **Dicionário de Linguística** tem como autores um grupo de linguistas das universidades de Paris e de Ruão: Jean Dubois, Mathée Giacomo, Louis Guespin, Christiane Marcellesi, Jean-Baptiste Marcellesi e Jean Pierre Mevel. Sua primeira edição é datada de 1973.

É no próprio prefácio da obra que encontramos alguns esclarecimentos sobre como a obra está estruturada, a função de um dicionário e a pertinência de se “fazer um dicionário de linguística” (1998, p. 8). Quanto à estrutura, este dicionário apresenta os termos ou verbetes em ordem alfabética. Nesse sentido, os autores do dicionário justificam esta estrutura, ao mesmo tempo, em que sinalizam os problemas oriundos dela:

O que os leitores pedem é uma tradução dos termos que ignoram, com a ajuda das palavras e dos conceitos mais correntes nas gramáticas. Mas essa tradução, essa forma de glossário que somos levados a dar a um dicionário científico e técnico traz à baila, por sua vez, diversos problemas: a definição do termo

ignorado utiliza palavras que devem ser conhecidas do leitor; mas a que nível se situaria esse leitor? (ibid., p. 5)

E, em seguida, os autores lembram que o dicionário apresenta, após cada definição, exemplos que de alguma maneira fornece uma segunda definição. Isso faz com que este dicionário tome “a forma de uma enciclopédia: depois da palavra de entrada, definição e comentários se misturam para fornecer um enunciado completo sobre a noção coberta pela palavra” (ibid., p. 6). Novamente aí temos a referência à enciclopédia como importante no estabelecimento de uma disciplina.

Além disso, os autores mostram a importância de se fazer um dicionário de linguística. Citam o momento como oportuno devido “à convergência de diversos fatores relacionados com o desenvolvimento da própria linguística” (ibid., p. 8).

Quanto à Semântica, a abordagem inicial se dá a partir da gramática gerativa transformacional. Em seguida, é apresentada a Semântica via teoria de Katz e Fodor (baseada nos primeiros trabalhos de Chomsky, que defende uma gramática – preexistente -, um dicionário e regras de projeção), a qual diz que há uma espécie “de dicionário e regras possíveis de associar-se à gramática para formar a interpretação semântica” (ibid., p. 528).

Também, para caracterizar a Semântica, neste dicionário, encontramos a teoria de Weinrich que explica como “o sentido de uma frase, de uma estrutura específica, deriva do sentido plenamente especificado de seus elementos” (ibid., p. 530). Após, são apresentados os pressupostos da Semântica soviética que tomam por base uma teoria estratificacionalista (concebem a língua como uma série de códigos superpostos).

Observamos, assim, que, neste dicionário, a Semântica apresentada é aquela ainda relacionada com as ideias defendidas pela teoria gerativa (o item III é específico da “Semântica Gerativa”) em que, na frase, há uma estrutura Semântica profunda, a qual, por uma série de transformações, leva à estrutura superficial.

3. A Semântica em livros de introdução à linguística

3.1 A Semântica na obra *Introdução à Linguística* (2001), de Mussalim & Bentes

Primeiramente, teceremos algumas considerações a respeito da obra *Introdução à Linguística*, organizada pelas linguistas Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes. Sua primeira publicação data de 2001 e é o segundo de uma coleção de três volumes. O prefácio é de autoria de Sírio Possenti e, de imediato, nesta parte da obra, podemos relacionar às questões

já mencionadas sobre o estabelecimento de uma área de saber e, especialmente, à representação do público-leitor de um manual de linguística:

se trata de uma obra contendo textos sobre Linguística, destinada de certa forma à sua divulgação, ou, dito de outra maneira, destinada a propiciar uma introdução não-trivial a um campo de saber já veterano, mas para muitos completamente desconhecido (Prefácio, 2001, p. 7).

Importante destacar que, para argumentar a favor da importância da obra, Possenti, na apresentação, elenca fatos que considera corriqueiros no meio acadêmico como o desconhecimento por parte dos estudantes das “questões mais banais às quais se dedica à Linguística” (ibid., p. 8). Também chama a atenção para o fato do sucesso dos “pseudoprofessores” ao participarem de programas na mídia, que repetem questões da gramática normativa ao invés de ocuparem-se de questões linguísticas. Segundo ele, “em resumo: Linguística é uma coisa de que ninguém nunca ouviu falar. Daí a relevância de um livro como este” (ibid., p. 8).

Podemos, assim, verificar que a obra se destina basicamente aos estudantes de Letras, apesar de, em alguns momentos, Possenti dirigir-se aos profissionais da área da linguagem. Para os últimos, a obra serviria para “atualização mínima”, deixando claro que não devem buscar no livro “ferramentas para seu trabalho” (ibid., p. 8). Seria basicamente uma obra de atualização para esses profissionais.

É nesse contexto de apresentação que, no volume 2, serão trabalhadas as seguintes temáticas (ordem aqui como é apresentada no sumário): Semântica, Pragmática, Análise da Conversação, Análise do Discurso, Neurolinguística, Psicolinguística, Aquisição da Linguagem, Língua e Ensino: Políticas de Fechamento.

Pelas temáticas que compõem o volume 2 do Introdução à Linguística, observamos que o capítulo dedicado à Semântica é o primeiro, seguido da Pragmática. A autora do texto sobre Semântica é Roberta Pires de Oliveira, professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestre em Linguística pela Universidade de Campinas e Doutora em Linguística pela Katholieke Universte Leuven (Bélgica).

O texto dedicado à Semântica está assim dividido: 1- Introdução; 2–Semântica Formal; 3- Semântica da Enunciação; 4- Semântica Cognitiva e 5- Uma rápida conclusão. Esta divisão sinaliza um recorte de uma representação histórica dos estudos de Semântica no Brasil. Guimarães (2004), ao contextualizar esses estudos no Brasil, menciona que é a partir da década de 1960, com a introdução da Linguística nos cursos de Letras no Brasil, que irão se sustentar

as diferentes disciplinas linguísticas (é o caso da Semântica). A década de 1970 será um momento importante para se definir o quadro dos estudos da significação. Começa, neste momento, no conjunto dos estudos sobre o sentido, a “consideração do sujeito na linguagem” (Ibid., p. 109) e, nessa perspectiva, Guimarães assim apresenta os estudos da significação:

a) as análises sêmicas dos estudos estruturais ou da semântica gerativa (que não usava diretamente a palavra sema); b) as análises semióticas do texto, que aliam a descrição sêmica ao estudo do percurso do sentido; c) os estudos de semântica formal; d) os estudos pragmáticos; e) os estudos enunciativos; f) os estudos discursivos. Com exceção das análises sêmicas, de um lado, e de certas abordagens formais, as demais posições passaram a incluir, cada uma a seu modo, a questão do sujeito no estudo da significação.

Esses trabalhos irão ancorar os estudos do significado tanto que, nas próximas décadas (1980 e 1990), “os estudos linguísticos se desenvolveram diretamente afetados pelo conhecimento que então se produziu no campo dos estudos da significação e da questão do sujeito da linguagem” (Ibid., p. 109).

Observamos que nessa obra, no capítulo dedicado à Semântica, há uma preocupação da autora em situar o leitor em diferentes vertentes da Semântica. Já na introdução do texto, Oliveira aborda a complexidade de definir os objetos de estudos da Semântica devido ao fato de não haver consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por significado. Consequentemente, existem várias formas de descrever o significado e várias semânticas. As que a autora irá descrever brevemente na introdução são quatro correntes semânticas: a Estrutural, a Formal, a Enunciativa e a Cognitiva. No decorrer do texto, enfatiza a Semântica Formal, a Semântica da Enunciação e a Semântica Cognitiva.

A autora argumenta que não irá se deter na Semântica Estrutural por ser pouco discutida e trabalhada no atual estágio da Linguística Brasileira e por manter o paradigma saussuriano significante/significado como fundamental em sua teoria. Não leva em conta aspectos que estão fora do sistema linguístico, importantes para a produção de sentido. As outras Semânticas serão mais detalhadas no texto, porque dão aporte teórico às várias pesquisas desenvolvidas nos estudos linguísticos, considerando, de alguma maneira, (é o caso da Semântica da Enunciação) a função do sujeito na linguagem, indo assim ao encontro do que apresentamos anteriormente em Guimarães (2004).

Na discussão a respeito da Semântica Formal, a autora opta em iniciar por ela, porque “historicamente ela antecede as demais o que a torna o referencial teórico e o grande inimigo a ser destruído” (Oliveira, 2001, p. 19). Apresenta, então, um percurso histórico, iniciando por

Aristóteles (pioneiro neste estudo), que mostra as relações de significado que se dão independentemente do conteúdo das expressões. Em seguida, descreve os postulados de Frege (1848-1925) quanto à Semântica Formal, definindo conceitos/exemplificações de sentido e referência/quantificador, legados importantes deixados pelo estudioso.

Na Semântica da Enunciação, basicamente, Oliveira se reporta às ideias de Oswald Ducrot e às objeções que este estudioso faz à Semântica Formal. A da Enunciação postula que estamos sempre inseridos na linguagem (aqui dá ênfase especial aos dêiticos), enquanto a Formal enfatiza a linguagem como algo externo a ela mesma. Em seguida, mostra conceitos próprios da Semântica da Enunciação ancorados em exemplos como enunciado polifônico, polissemia, negação descritiva.

Para discorrer sobre a Semântica Cognitiva, a autora apresenta inicialmente os estudos de George Lakoff e Mark Johnson (precursores dessa área com a publicação, em 1980, de *Metaphors we live by*), que consideram o significado como uma questão de cognição, ou seja, não só como um fenômeno puramente linguístico. A partir daí, Oliveira dá ênfase a essa teoria com exemplos e discussões de dois mecanismos privilegiados na Semântica Cognitiva: a metáfora e a metonímia.

No que intitula “Rápida Conclusão”, Oliveira reitera que a “intenção era apresentar fenômenos que já fazem parte da Semântica, independentemente do modelo adotado. O que muda é a forma de descrever o fenômeno” (2001, p. 42). A partir disso, a autora espera que tenha conseguido “mostrar as linhas mestres dos modelos semânticos atuais: o modelo formal, o enunciativo e o modelo cognitivo (Ibid., p. 42)”. E ainda destaca: “Se conseguimos apresentar esse quadro minimamente, acreditamos que você, leitor, tem condições de seguir em frente, de aprofundar (veja aí uma metáfora para a Semântica Cognitiva)” (Ibid., p. 42).

Dessa maneira, a autora encerra o seu texto sobre a Semântica, argumentando, mais uma vez, que a linguagem é um objeto muito complexo, a qual vai exigir diferentes abordagens para uma possível compreensão e que “somente espiando a linguagem por diferentes buracos de fechadura, poderemos um dia chegar a compreendê-la melhor” (Ibid., p. 43).

Está claro aqui que a autora, por um lado, espera que seu público-leitor tome consciência da complexidade do objeto “linguagem” (aqui representado pela área da Semântica) e que, por outro, ao formular sua escrita, na condição de pesquisador, leve em conta que também está escrevendo algo para ser lido. Para Perrot & Soudière:

Écrire, c'est nouer avec un terrain, mais aussi des devanciers, des autorités, des pairs, un dialogue. C' est jouer avec du déjà-dit, du déjà-écrit. Mais, em même temps, nulle soumission: car à partir d'eux et grâce à eux, comme on prend la parole, chaque chercheur prend lui aussi l' écriture, pour être lu a son tour – du moins il l'espère, et on ne peut que le lui souhaiter (1994, p. 13)²

Nessa perspectiva podemos verificar uma das funções deste manual, conforme explicitado no prefácio, que é instigar o leitor a buscar outros subsídios teóricos para aprofundar os conceitos apresentados.

3.2 A Semântica na obra **Introdução à Linguística (2003)**, de Fiorin

A obra **Introdução à Linguística (2003)** é composta de dois volumes organizados por José Luiz Fiorin. Os estudos de Semântica encontram-se no volume dois, intitulado “Princípios de Análise” e dois capítulos são dedicados à Semântica, a saber: Semântica Lexical e Semântica Formal. Interessante mencionar aqui que os recortes são feitos a partir de um processo de disciplinarização dos estudos linguísticos, comuns em programas de cursos de graduação em Letras (há, neste mesmo volume, um capítulo dedicado à Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Pragmática e Estudos do discurso). Essa maneira de descrever o objeto língua e suas perspectivas de estudos é justificada pelo organizador no prefácio desse mesmo volume:

Neste livro, não se pretende fazer um curso completo de fonética, fonologia, e assim por diante. O que se quer é introduzir o aluno nos princípios da análise linguística em seus diferentes níveis e em suas várias perspectivas. O que se deseja é que o aluno aprenda o que significa fazer a análise linguística, vendo a língua como um fenômeno complexo. Mais do que ensinar fonética, sintaxe, etc., este livro visa a levar o aluno a apreender o espírito da descrição e da explicação dos fatos linguísticos (FIORIN, 2003, p. 7).

À Semântica são dedicados dois capítulos (um à Semântica Formal e outro à Lexical) na obra **Introdução à Linguística**, de Fiorin. Podemos nos perguntar, por que somente os estudos semânticos têm esse “privilegio” de ocupar dois capítulos de uma obra intitulada de “Introdução à Linguística”? E por que somente a Semântica Formal e Lexical? É novamente no prefácio que Fiorin justifica essas escolhas:

² Tradução nossa: Escrever é vincular-se a um terreno, mas também a antecessores, autoridades, pares, é um diálogo. É jogar com o já-dito, o já-escrito. Mas, ao mesmo tempo, sem submissão: pois a partir deles e graças a eles, como tomamos a fala, cada pesquisador constitui também a sua escritura, para, por sua vez, ser lida – ao menos é o que ele espera, e só o que podemos desejar a ele.

Por que colocar, num livro de introdução, dois capítulos teoricamente distintos para estudar um mesmo aspecto da linguagem? Porque, como dissemos acima, o que almejamos é ensinar aos estudantes uma atitude científica (FIORIN, 2003, p. 7).

Essa atitude científica é entendida pelo prefaciador por um discurso que tem por objetivo construir modelos que explicam parte da realidade, mas que nunca irão chegar a uma verdade absoluta, mas a consensos parciais sobre um fenômeno. Temos nesse sentido uma representação de ciência, validada por uma representação de uma comunidade científica dada. Conforme Auroux (2008, p. 130), as comunidades de conhecimento “são normativas e funcionam com a ajuda do reconhecimento de externalidades e/ou são externalidades; tanto quanto estes elementos referem-se à representação, trata-se do que se chama ‘**conhecimento**’ ou ‘**saber**’”.

O capítulo intitulado “A semântica Lexical” é escrito por Antonio Pietroforte e Ivã Lopes. O primeiro é mestre e doutor em linguística pela USP e professor na mesma instituição; o segundo é também professor da USP e doutor em Semiótica e Linguística Geral pela mesma instituição.

A abordagem adotada pelos autores neste capítulo dá conta das relações de sentido entre os signos. Os temas discutidos dizem respeito às concepções de linguagem, signo, sentido, predominantemente, a partir dos conceitos do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev. Além disso, a partir de trechos de textos variados (como textos literários), são apresentadas figuras como homonímia, antonímia, sinonímia e a própria polissemia. No final do capítulo, há exercícios que privilegiam os conceitos apresentados e a bibliografia com sugestões de leitura.

O capítulo “Semântica Formal” tem como autores a professora Ana Lúcia de Paula Müller e Evani de Carvalho Viotti (ambas professoras da USP com doutorado em Linguística). A abordagem adotada pelas autoras, no que diz respeito à Semântica, dá ênfase à Semântica Formal que privilegia o “estudo da relação que existe entre as expressões linguísticas e o mundo” (2003, p. 138). A partir daí, as autoras abordam as denotações, as relações semânticas no nível da palavra e no nível da sentença, noções de sentido e referência, acarretamento e pressuposição, sinonímia e paráfrase, contradição, ambiguidade, relações dêiticas e anafóricas e as relações de escopo. Há uma conclusão que enfatiza que no texto foi traçado um panorama de algumas questões tratadas pela Semântica Formal. Em seguida, como no capítulo anterior, há exercícios, bibliografia e sugestões de leitura.

Entendemos, então, que há uma necessidade nesta obra de apresentar um panorama da Semântica, calcado exclusivamente em dois recortes (Semântica Lexical e Formal), deixando

de lado outras abordagens como a Semântica da Enunciação e a Cognitiva. Aqui podemos nos remeter a Foucault (2007) no que diz respeito à questão da disciplina, pois o que a envolve relaciona-se também a uma questão de recorte. Para o autor, a disciplina “não é a soma de tudo o que pode ser dito de verdadeiro sobre alguma coisa, não é nem mesmo o conjunto de tudo o que pode ser aceito, a propósito de um mesmo dado, em virtude de um princípio de coerência ou de sistematicidade” (Ibid., p. 31).

4. Considerações Finais

Nos dicionários selecionados para a análise e nos manuais de introdução à linguística, percebemos que há diferentes maneiras de se representar a Semântica. Isso está relacionado ao fato de, conforme Auroux (2008), a cada conjuntura estar relacionada uma representação distinta do sistema de objetos.

Nessa perspectiva, observamos que, nos dicionários selecionados, há uma preocupação latente em adotar uma forma enciclopédica para transmitir ao leitor as representações da Semântica. Isso fica evidente e de forma mais explícita no **Dicionário das Ciências da Linguagem** (1972), de Ducrot & Todorov, o qual está organizado “não segundo uma lista de palavras, mas segundo uma *articulação conceptual* do domínio estudado” (p.13-14).

Quanto à representação da Semântica, nesses dicionários, observamos que ainda está relacionada, predominantemente, às questões da teoria gerativa, pois nesta época (década de 1970) ainda eram esses estudos que vigoravam. Nesse sentido, verificamos uma das funções do dicionário que é a pedagógica. Para Dias e Bezerra,

o dicionário, enquanto instrumento linguístico, exerce uma função pedagógica. Mas ele opera sob o efeito da completude e sustenta uma legitimidade do saber sobre a significação. Nesse sentido, nele se inscreve uma relação dos falantes com a língua. E trata-se de uma relação historicamente sustentada (2006, p. 33).

Nos manuais de introdução à linguística, por sua vez, a Semântica está representada a partir das condições de produção e à finalidade pretendida com a sua circulação e divulgação. Na obra **Introdução à Linguística** (2001) de Mussalim & Bentes, as vertentes escolhidas para descrever a Semântica são a Formal, a Enunciativa e a Cognitiva; na obra **Introdução à Linguística** (2003), de Fiorin, as Semânticas Formal e Lexical são as descritas.

Assim, a partir de diferentes materialidades em conjunturas sócio-históricas e ideológicas também distintas (os dicionários na década de 1970 e os manuais em 2000), verificamos como a Semântica é representada e como ela vem sendo abordada e vai se

configurando para um futuro, pois conforme Auroux (2008), o saber não é estático. Esse saber se vincula a algo anterior e se projeta para um futuro sempre relacionado às condições sócio-históricas em que está inserido.

Referências Bibliográficas

- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Unicamp, 1992.
- _____ et al. **L'Encyclopédie ou la création des disciplines**. Paris: CNRS, 2003.
- _____. **A questão da origem das línguas**, seguido de A historicidade das ciências. Trad. Mariângela Peccioli Gali Joanilho. Campinas, SP: RG, 2008.
- DIAS, L. F.; BEZERRA, M. A. Gramática e Dicionário. In: GUIMARÃES, E. ; ZOPPI-FONTANA, M. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: a palavra e a frase**. Campinas: Pontes, 2006.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Linguística**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- DUCROT, O.; TODOROV, T. **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: Dom Quixote, 1972.
- FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2007. 2 v.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- GUIMARÃES, E. **História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil**. São Paulo, Campinas: Pontes, 2004.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. 2 v.
- NUNES, H. Dicionários: história, leitura e produção. In: ENCONTRO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA, 8, 2010. **Anais eletrônicos**. Disponível em www.portalrevistas.ucb.br Acesso em 30 novembro 2012. p.6-21.
- ORLANDI, E. P. **Terra à vista: discurso do confronto, velho e novo mundo**. São Paulo: Cortez, 1990.
- PERROT, M.; SOUDIÈRE, M. **L'écriture des sciences de l' homme**. Paris: Centre national de la Recherche Scientifique, 1994.

Artigo recebido em: 13.02.2014

Artigo aprovado em: 15.03.2014